



## INTRODUÇÃO À TEOLOGIA DA MISSÃO: CONVOCAR E ENVIAR: SERVOS E TESTEMUNHAS DO REINO

SUESS, Paulo. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011  
ISBN 978.85.326.3420-7

Nora Ney Cangussu\*

Falar sobre missão provoca um “interesse” sobre o tema que se mantém sempre em evidência, independentemente da época em que se esteja vivendo. O livro em questão, *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino*, é uma bela obra de pesquisa, estudo e ensino de forma didática, apresentando uma visão panorâmica sobre o que vem a ser missão. Mostra caminhos de conversão e aponta valores que podem contribuir para o conhecimento da trilogia: Jesus Cristo, Igreja e ser humano, proporcionando uma profunda reflexão sobre a missão como atividades da Igreja e sua “natureza missionária”, a qual, segundo o autor, tem origem no envio do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai.

Sacerdote diocesano, doutor em Teologia, Paulo Suess exerceu o cargo de Secretário Geral do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, fundou o Departamento de Pós-Graduação em Missiologia, foi presidente da Associação Internacional de Missiologia – IAMS e atualmente leciona no Instituto São Paulo de Estudos Superiores – ITESP.

A obra é composta de oito capítulos, percorrendo um caminho histórico-teológico que nos remete ao mistério da missão. Ao final de cada capítulo, traz um resumo, palavras-chaves e questões que auxiliam sobremaneira a reflexão do capítulo, além de proporcionar provocações que nos levam a vislumbrar outros “vértices”.

No primeiro capítulo, o autor considera que a partir do Vaticano II a Igreja Católica redescobriu a sua natureza missionária, em detrimento de uma compreensão territorial da missão, o ser em detrimento do ter. A interpretação da Escritura, juntamente com muitas igrejas e denominações evangélicas, tornou-se mais clara e não aboliu o espírito da exclusividade salvífica, mas modificou-o, esclarecendo que a graça concedida por Jesus Cristo à Igreja pode, sob determinadas condições, também salvar pessoas de outras religiões. Na opinião de Suess, a conversão em primeira estância não significa mudança de religião e sim repensar sua existência em prol da humanidade. Para ele, a comunidade cristã teve de aprender que os escritos bíblicos não correspondem a equações matemáticas, pois falar sobre Deus significa sempre falar em analogias. Ele traça um paralelo com a estrofe bem conhecida da letra da música *Os Argonautas*, de Caetano Veloso: “Navegar é preciso, viver não é preciso”, citação do poeta português Fernando Pessoa, fazendo apologia à vida. Segundo o autor, compreensão de missionariedade faz de Israel um interlocutor importante no diálogo macroecumênico, e

---

\* Aluna do 5º ano de Graduação do Curso de Teologia da PUC-SP.



que, como missão, Israel aprendeu pelo caminho histórico da obediência a Iahweh e pelo caminho que passa pela transgressão da Torá e pelo esquecimento da Aliança. Experiências essas que foram aprendizados e heranças importantes para a missão da Igreja. E descreve cinco tipos de aprendizados-herança fundamentais para a missão da Igreja, ou seja, a Lei de Cristo e a ética do Reino tornam-se testemunhos de que no despojamento e na doação da vida experimenta-se a presença do Reino.

No segundo capítulo, *O mistério trinitário da missio Dei*, o autor faz uma breve recapitulação histórica. O Imperador Constantino, de Roma, reconhece o cristianismo como uma religião. Assim, até a sua morte, a religião cristã obtém uma série de privilégios. Os Papas assumem o título de Sumo Pontífice (até os dias atuais), Teodósio proíbe culto aos pagãos etc. O capítulo é rico em informações, tais como: o conceito *Missio Dei* (Missão de Deus) foi do próprio Deus no mundo; “Deus é amor”. Assim, Ele é relação e não solidão; O de Deus que transborda, na teologia a Santíssima Trindade, e chamado “amor frontal” (AG 2b). Daí procede o *logos* (o verbo), que é gerado pelo Pai, e o *Pneuma* (o Espírito Santo), pela participação do Pai e do Filho. Para Suess, o “amor frontal” é princípio sem princípio, sendo descrito pela teologia nas imagens de “processões” e “relações” *Pneuma e Logos* - é um pano de fundo invisível e eterno da Santíssima Trindade. Essa Trindade é chamada de “imaneente”. Ainda nesse capítulo ele discorre sobre o que é “missão de Deus” e apresenta um paralelo entre Trindade Imanente e Trindade Econômica ou histórico-salvífica. Amplamente, aborda o tema Espírito Santo, apresentando subitens: a) Pentecostes; b) Espírito da Verdade e c) Gratuidade, que aponta sob o ponto de vista do autor, para a possibilidade de um mundo para todos, com finalidade bem definida, para o Reino entre nós e, ao mesmo tempo, para uma dimensão escatológica.

No terceiro capítulo, *Da mística caminhar despojado na luta*, entre outros aprofundamentos sobre o assunto, ele explica os vários significados das duas palavras: “mística” e “luta”. Mística possui as mais variadas conotações, tais como: reza, culto, romaria, experiência com Deus, esoterismo etc. Segundo Suess, a mística dos indígenas, por exemplo, é pintar os corpos ao se prepararem para uma luta importante e dançar invocando espíritos para o evento, apesar de, nesses tempos hodiernos, a palavra *mística* correr o risco de tornar-se mercadoria, chavão e até mesmo moda, confundindo-se mística com misticismo, que se tornou uma medicina paliativa, que, por dinheiro, promete soluções ou realizações dos desejos. “Mística”, segundo Suess, tem a mesma raiz da palavra “mistério”, e mistério não se explica, vive-se, na contemplação e nas ações cotidianas. A mística é macroecumênica. E “luta” pode ser a transformação e revelação que acontecem na vida cotidiana em qualquer parte do mundo. Luta representa as experiências, a nossa cruz. A “luta” na ação missionária, na realidade, é a busca da transformação, da paz em busca de um “lugar” para os migrantes, para os povos indígenas, para os moradores em situação de rua, para os sem-terra, os sem-teto, e de tantos outros que sofrem nessa vastidão do universo. As lutas sociais concretas apontam para a dimensão profética da vida daqueles que lutam por uma vida inteira pelo *shalom* (paz), que é um dom cotidiano e escatológico como o Reino de Deus. É a mística missionária militante, é a vigília pascal, é anunciar a ruptura com as tradições obsoletas e a destruição dos diques que impedem o fluxo da vida. A mística da luta



cristã tem raiz na fé, que se inspira na palavra de Deus e na vida cotidiana. Para ele, há três eixos interligados: a itinerância, o despojamento e a militância.

No quarto capítulo, *Da história aprendizados de ontem para hoje e amanhã*, é feito um ligeiro preâmbulo sobre a caminhada do cristianismo, desde o Império Romano até o nosso “amanhã”. E ao tratar do assunto de forma magistral, acaba “denunciando” seu vasto cabedal de conhecimento, formação, informações e saberes, entre os quais o sacerdotal e sua “natureza missionária”. Aqui, para verdadeiramente acompanhá-lo, há necessidade de se possuir certos conhecimentos ou efetuar algumas consultas. Segundo o autor, na época do Império Romano, o povo simples do campo que não falava a língua franca do Império, o grego e, mais tarde, latim, era considerado pagão, não-batizado, de sincretismo religioso e atraso cultural. Porém, o paganismo dos centros urbanos tinha estatuto da religião oficial, ou seja, o cristianismo. O período 1585-1652 foi considerado de conquista espiritual; para a primeira geração de cristãos, conversão era apenas mudança religiosa. Com esse pensamento, vidas foram extintas, barbárie cometidas, tudo em nome da conquista da fé. Missão significava conquista de territórios distantes ocupados por inimigos da fé e almas enganadas pelo demônio. Essa “missão” ficou conhecida como Cruzada. Essa postura não era unânime entre os missionários, a exemplo de Anchieta Francisco Xavier, José Acosta e outros.

No quinto capítulo, *Do Vaticano II da territorialidade da missão à essência missionária da Igreja*, Suess continua apresentando toda a movimentação do Concílio Vaticano II, no sentido de elaborar um documento sobre as missões. O autor reconstrói o debate a partir do “Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja”, que, segundo ele, nos conduz a um canteiro de obras inacabado até os dias atuais. Na luta pela missão, os centros, dos seus territórios missionários, acabam dando lugar ao ser missionário. Neste capítulo é apresentado um esquema dos textos que precederam o documento *Ad Gentes*, que é um verdadeiro “plano aula”. Um gráfico demonstra didaticamente a interação teológica entre os vários documentos elaborados, como a *Gaudium et Spes: Nostra Aetate*, *Dignitatis Humanae*, *Apostolicam Actuositatem*, *Sacrosanctum Concilium*, *Unitatis Redintegratio* e a *Lumen Gentium: Dei Verbum e Ad Gentes*.

No sexto capítulo, *Do magistério latino-americano Sinais dos tempos: libertação, participação, inculturação, e confirmação*, há uma reconstrução de alguns traços fundamentais do magistério latino-americano vinculados à essência missionária da Igreja, documentado nas Conferências em Medellín, Puebla e Santo Domingo. Para o autor, o magistério latino-americano é mais amplo do que mostram os documentos das Conferências referidas. Ele discorre rapidamente sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e sobre os “sinais dos tempos” que João XXVIII introduziu ao discernimento teológico-pastoral. Para Suess, a centralidade dos pobres surge, a partir de *Medellín*, pois, nesta Conferência os “sinais dos tempos” são melhores contextualizados, o olhar passa a ser ainda mais crítico e, dos 16 documentos elaborados, sete fazem alusão aos “sinais dos tempos”, lembrando que esses sinais ultrapassam as fronteiras eclesiais, sendo políticos e de estruturas violentas.

O sétimo capítulo, *Do diálogo Pluralismo intelectual, macroecumênico e teológico-pastoral*, traz temas sempre atuais, extensos e polêmicos, permitindo apenas alguns



impulsos para reflexão. Em situação de pluralismo intercultural, macroecumênico e teológico-pastoral, todos aprendem, pois o diálogo macroecumênico é uma busca da continuidade do projeto humano e da paz. No mundo atual, os contatos interculturais proporcionados pelos meios de comunicação, e também, pelas migrações e as rápidas transformações globais, o diálogo entre culturas, é uma necessidade da convivência de diferentes projetos de vida, fazendo parte da responsabilidade, do discernimento e dos objetivos e condições de cada grupo social que zela pela paz. Suess afirma que sem paz entre as religiões dificilmente haverá paz entre as nações. Para ele, o princípio da tolerância é a condição para uma convivência pacífica entre as nações.

No oitavo capítulo, *Da prática Discernimentos na ação, horizontes de comunicação*, o autor adverte para o fato de que, ao se pretender converter, faça-se um exame apurado sobre sua própria conversão. Citando o exemplo do apóstolo Paulo, fervoroso defensor da Lei, na defesa de Deus ele o perseguiu, pois estava literalmente cego. Posteriormente, no entanto, se converte, mudando radicalmente de postura. Semelhante situação pode acontecer àqueles que em nome da missão, com tantos métodos e rumo, com tantas tarefas caseiras e receitas, pecam pela falta de discernimentos, prioridades e esquecimento de que o Reino está no centro das atividades messiânicas de Jesus, no seu estilo de vida, nos seus sinais e na defesa da vida dos pobres. Após seguir essa linha de pensamento, o autor apresenta, de forma breve e com muita propriedade, os discernimentos do agir missionário que acontece nos continentes.

Em suma, a obra possui informações a partir dos quais poder-se-ia escrever várias outras, pois os estímulos contidos são surpreendentes. De linguagem fácil e bem estruturada, destina-se principalmente a participante de cursos em instituições e faculdades de Teologia, assim como a leigos. Paulo Suess deixa claro os fundamentos de uma Teologia da Missão e enxerga longe, fazendo uma análise crítica da realidade e advertindo para as possíveis alternativas.